

# Correção de Rumo

O fracasso do modelo educacional brasileiro refletiu as discriminações e preconceitos existentes na sociedade. O Brasil foi capaz de criar no último quarto de século o melhor sistema de pós-graduação de todos os países em desenvolvimento, mas não conseguiu universalizar o ensino básico, nem secularizar o conhecimento científico, nem disseminar a excelência tecnológica.

Um regime autoritário e fechado cuidou da formação de um segmento de alta qualidade, responsável por obras de alta tecnologia, mas descuroou irresponsavelmente o ensino básico e o secundário. A universalização do acesso à escola não equivale à universalização da educação. O número de alunos que concluem o primeiro grau é apenas a metade dos que ingressam, e os níveis de evasão escolar e repetência são muito elevados.

Tão grave quanto quatro milhões de crianças de sete a 14 anos estarem fora da escola, tão dramático quanto 18% da população brasileira não saberem ler, é o fato de que, dos 86% dos alunos que estão na pré-escola e no primeiro grau, apenas 4,5% atingem o terceiro grau.

Eis, sucintamente, o quadro esboçado pelo ministro da Educação, Paulo Renato Sousa, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**: o país tem uma ilha de sofisticação cultural rodeada de um mar de analfabetismo; uma elite de empresários, administradores e técnicos apoiada numa força de trabalho de baixo índice de escolarização. Herança perversa de

um tempo em que a mão-de-obra barata e não-qualificada representava uma vantagem comparativa — que desapareceu.

Este descompasso tem graves implicações. Relatórios do Banco Mundial explicam a baixa produtividade e o baixo nível de valor agregado dos manufaturados brasileiros pelo descaso histórico com a educação. Sem formação tecnológica adequada não há como operar equipamentos complexos.

É nesse diagnóstico preocupante que o ministro Paulo Renato, um dos mais atuantes e prestigiados do governo, se apóia para traçar linhas de ação de longo prazo: melhorar o salário do professor primário, repassar recursos diretamente às escolas sem intermediação política, estimular o envolvimento das famílias nos conselhos escolares, melhorar a qualidade do livro didático, fomentar a educação à distância através da rede pública de televisão, estabelecer um sistema de avaliação da qualidade do ensino administrado.

A mensagem do ministro é clara: o Brasil precisa corrigir a inversão que privilegiou o ensino superior e esqueceu o fundamental, sem por isso melhorar muito o terceiro grau. O Brasil precisa recuperar o prestígio da escola pública e definir, já nos primeiro e segundo graus, temas formadores da cidadania, como a questão da educação ambiental, da ética, da pluralidade cultural, da educação para a saúde e da educação sexual.

Que ninguém se engane: o Brasil está jogando seu futuro nacional no desafio de realizar uma revolução pedagógica para valer.